

RELAÇÃO MATERNA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊMEOS

Catiesa Pereira Dorneles

Acadêmica de psicologia da Faculdade de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul (FADERGS).

E-mail: <catiescadorneles@hotmail.com>.

Vladia Zenkner Schimdt

Psicóloga, Mestre em Educação, Professora Docente e Supervisora Clínica com ênfase em Psicanálise da Faculdade de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul (FADERGS).

E-mail: <vladiaschimdt@ig.com.br>.

RESUMO

Embora pouco abordada, a temática “relação materna em situação gemelar” é de extrema importância, pois, apesar de nascerem e crescerem juntos, os gêmeos possuem necessidades específicas que influenciarão na construção de suas identidades. Desta forma, o presente artigo buscou através de uma revisão bibliográfica, explicar e discutir o tema com base em referenciais teóricos publicados em livros, revistas e periódicos. Para tanto, idealizou-se a realização de uma revisão de literatura por conveniência na base de dados científicos BVS com os seguintes descritores (gêmeos AND cuidado materno AND vínculo AND psicanálise). Os resultados destacaram que o cuidado materno em situações gêmeares possui certa complexidade, uma vez que, esta mãe precisará atender aos seus dois bebês de forma individual buscando auxiliar a construção da identidade destes. Além disso, destaca-se que durante o processo de individuação os bebês precisarão lidar com as ansiedades que permeiam suas vidas, isto é, terão o desafio de desenvolver sua identidade separada não só da sua mãe, mas também do próprio irmão.

Palavras-chave: Cuidado materno, Gêmeos, Identidade

INTRODUÇÃO

O psicanalista de referência na teoria da relação materna Winnicott (1993) propõe que, a qualidade do cuidado materno durante os primeiros anos de vida de um bebê é considerada fundamental para o desenvolvimento e estruturação da identidade de um indivíduo. É também através desta relação que a criança poderá vivenciar as primeiras interações com o mundo externo. Assim, atribui-se à figura materna a importante tarefa de doar-se ao bebê, na busca do auxílio pela construção e desenvolvimento psíquico. A mãe é a grande responsável por permitir a criança o acesso ao mundo externo e a forma como se dará esta representação, pode vir a auxiliar ou impedir o de-

envolvimento psíquico de sua prole, dependendo da forma como exerce este papel. Para que o desenvolvimento ocorra de modo saudável, faz-se necessário que inicialmente essa figura materna possa responder de imediato às necessidades de seu (sua) filho (a), e que aos poucos submeta esta relação a pequenas frustrações. Estes sentimentos propiciarão a criança à oportunidade de desenvolver-se enquanto sujeito, podendo adaptar-se ao mundo externo, constituindo-se em uma nova situação para si.

Os aspectos relacionados à interação entre eles poderão ser vivenciados de forma satisfatória ou não. Quando a dupla consegue obter prazer na companhia uma da outra, acabará por preencher ansiedades e desejos inerentes ao processo da relação mãe-bebê, atingindo assim resultados

adequados. Em contrapartida, quando estiverem juntos e prevalecerem os conflitos, os resultados serão de ansiedade ou infelicidade para ambos. O êxito desta questão estará fortemente ligado ao processo de apego deste bebê com sua mãe, que se constitui da proximidade e identificação com a figura materna, caso esta seja considerada agradável. Este comportamento de apego dependerá inicialmente da mãe, pois nos primeiros meses de vida, o bebê não possui amadurecimento suficiente para estabelecer ligação com sua progenitora, sendo necessário que ela exerça este papel de manutenção do apego (Bowlby, 1981).

Contudo, quando se refere aos cuidados na relação materna de filhos gêmeos, é evidente que o investimento emocional da mãe recebe características ainda mais específicas, pois precisará dispor de uma atenção ainda maior, que os contemple nos aspectos individuais. Por se tratarem de duas crianças que crescem simultaneamente, é uma tarefa bastante complexa para a mãe atender tais necessidades de forma imediata, pois nessa situação, têm sempre outro bebê com quem acabam se confrontando, na luta por sua atenção e cuidado. Desta forma torna-se essencial que esta mãe conheça as particularidades de seus (suas) filhos (as), suas semelhanças e diferenças, para que assim possibilite os caminhos de construção da individualidade de cada criança. Ao obter sucesso neste papel, ela será capaz de proporcionar o encontro das vantagens que compensem a desvantagem inata aos gêmeos (Winnicott, 1982).

Através de estudos realizados por Winnicott (1982) foi possível identificar que frequentemente os gêmeos elaboram bem a companhia um do outro, evidenciando prazer nas brincadeiras e atividades que os mantenham próximos. Porém é perceptível a importância que atribuem ao serem separados durante um período, demonstrando-se contentes também por este momento. Tal afeto pode estar ligado ao desejo natural constitutivo do ser humano de perceber-se e tornar-se um indivíduo único. Quando se vêem sozinhos, podem então usufruir da possibilidade de sentirem-se com sua individualidade preservada, distantes da companhia do irmão gêmeo.

Em relação à diferenciação é possível identificar que se faz necessário a distinção destas crianças em seus aspectos físicos e emocionais, e a mãe como fonte primária será a responsável por nomear este espaço individual. Os gêmeos durante os primeiros anos de vida são formados a partir

de aspectos duplos, principalmente na forma de se vestir, o que muitas vezes reforça a idéia de simbiose entre eles. Caberá a mãe o difícil papel de contribuir com tal possibilidade de singularidade a seus (suas) filhos (as) (Jabbour & Marques, 2000).

Diante dos apontamentos referidos, reflète-se então sobre as diferenças constitutivas inerentes a cada indivíduo. Pois mesmo quando envolvidos numa situação gemelar uniplacentária, não se torna excludente a verdade de que cada sujeito é dono de uma psique única. Como se pode inferir sobre o fato de que gêmeos univitelinos, que possuem características físicas extremamente assemelhadas caminham para a individualidade psíquica diante de ver-se espelhado no seu “outro”? Como se estende o olhar da mãe sobre dois bebês, a um só tempo, se o início da individuação psíquica é marcado por uma experiência de fusão indivisível com o objeto, que para o bebê, ele e sua mãe são um só universo?

Desta forma, o presente artigo tem como objetivo propor uma reflexão sobre a relação mãe-bebê em situação de gemelaridade. O estudo apresentou inicialmente algumas limitações, pois se refere a um tema ainda pouco explorado na atualidade. Contudo, apesar das limitações buscou-se materiais referente aos cuidados maternos que pudessem somar-se ao estudo mãe-bebê gemelares. Para tanto serão retomados elementos teóricos da teoria psicanalítica, buscando-se ampliar a discussão sobre as consequências no processo de construção da identidade de gêmeos a partir do olhar materno.

OBJETIVO

Objetiva-se com o presente estudo, realizar uma revisão da literatura psicanalítica sobre a relação mãe-bebê em situação de gemelaridade. Mais especificamente, busca-se entender como se estabelece esta relação e a importância dela no desenvolvimento e formação da identidade destes bebês.

MÉTODO

O presente artigo baseou-se em uma revisão bibliográfica, a qual procura explicar e discutir um tema com base em referenciais teóricos publicados em livros, revistas e periódicos. Para tanto, idealizou-se a realização de uma revisão de lite-

ratura por conveniência na base de dados científicos BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), pois esse portal dá acesso à busca de artigos nas seguintes bases de dados: LILACS, IBECs, MEDLINE, Biblioteca Cochrane e Scielo. Foram utilizados os seguintes descritores (gêmeos AND cuidado materno AND vínculo AND psicanálise). Os critérios de inclusão dos artigos foram: a) abordagem do tema sobre relação materna, semelhanças e diferenças entre gêmeos e aspectos relacionados à construção da identidade em bebês. b) estar em língua portuguesa. c) qualquer data de publicação sem definição de ano. d) Que a centralidade dos estudos se situe na vivência da relação materna e familiar em situação de gemelaridade. Na busca do BVS foram encontrados 07 artigos, sendo que apenas 03 atenderam aos critérios de inclusão.

Assim, somaram-se à pesquisa livros de psicanálise, relacionados ao cuidado materno que abordam questões do desenvolvimento infantil envolvendo a gemelaridade. As etapas metodológicas para realização desta revisão bibliográfica incluíram: identificação do tema e seleção da questão de pesquisa; estabelecimento de critérios de exclusão e inclusão; definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados, avaliação e análise dos estudos incluídos na revisão; interpretação dos resultados e apresentação da síntese dos materiais que abordaram o tema. Os artigos revisados tiveram seus conteúdos analisados e serão apresentados, analisados e discutidos em quatro blocos, a saber:

(a) A magnitude e a complexidade do cuidado materno durante a gestação; (b) Aspectos fundamentais da relação materna nos primeiros meses de vida e sua influência na construção da identidade do bebê; (c) Gêmeos: semelhanças e diferenças; e (d) Aspectos da relação mãe-bebê em situação de gemelaridade.

A MAGNITUDE E A COMPLEXIDADE DO CUIDADO MATERNO DURANTE A GESTAÇÃO

Neste tópico serão estudados os sentidos que envolvem o universo da gestação, onde existe uma grande complexidade, ligada ao desejo desta mãe em conhecer o seu bebê, ao passo que, apesar deste ainda ser um feto exige cuidados tão reais que influenciará diretamente na relação mãe-bebê. Inúmeras são as variáveis encontradas para que o cuidado com um bebê seja realizado de forma efetiva, ou seja, na busca pela construção de uma

identidade saudável. Diversos estudos mostram que este cuidado inicia-se ainda na fase gestacional. Neste contexto, para Lebovici (1987) coexistem três bebês na mente materna: um edípico, um imaginário e o propriamente dito. O bebê edípico trata-se do bebê da fantasia, que resulta da história edípica infantil da mãe e de seus desejos infantis, sendo considerado o mais inconsciente de todos. O bebê imaginário é construído e idealizado durante a gestação, num somatório de sonhos, expectativas e desejo maternal da mulher, englobando as representações mais conscientes da mãe. Por fim, o bebê propriamente dito, aquele que os pais segurarão nos braços no dia do nascimento, composto de uma identidade própria, o bebê real.

Freud (1914/1990) considera que a atitude afetuosa dos pais para com os (as) filhos (as) é um revivescimento e reprodução do próprio narcisismo, que já fora abandonado por eles. Isto significa que o ato de sentirem-se pai e mãe, inicia-se antes do nascimento do bebê e constitui-se de forma consciente e inconsciente através da história infantil destes progenitores, e de seus conflitos inconscientes despertados na relação com seus próprios antecedentes.

Há muitas transformações que acompanham o período da gestação, pois ao longo da preparação para desempenhar o papel materno, ocorrem modificações emocionais e físicas na mulher. Estas alterações estão ligadas a existência de uma espécie de direcionamento de interesses, podendo ser observadas através dos primeiros meses de gestação, quando inicialmente acontece a transformação do exterior para o interior, fazendo com que a mãe de forma lenta passe a perceber o seu corpo como centro do mundo, pois nele está crescendo o seu futuro bebê (Winnicott, 1982).

A experiência de ser mãe traz consigo grandes desafios, mudanças físicas e emocionais para o universo feminino. Para isto, a mulher precisa estar aberta ao que se refere aceitar a presença de outro ser dentro de si, ao qual se revela em um desafio de deixar de lado a sua autonomia para suprir as necessidades de um bebê que terá uma total dependência sobre ela. Este contexto gestacional envolve um vínculo considerado físico, íntimo e único, movimentando em seu corpo o espaço necessário a este feto até o desenrolar do parto, que será o momento de encontro real da mãe com o seu bebê. Nonascimento estetra consigo as marcas encontradas durante a gestação, através de todo o envolvimento obtido no am-

biente intrauterino, sendo capaz de reconhecer sua mãe através da sua voz e também dos batimentos cardíacos, o que evidencia uma forte ligação física e emocional entre eles (Caron, 2000).

ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA RELAÇÃO MATERNA NOS PRIMEIROS MESES DE VIDA E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO BEBÊ

Este tópico reúne os aspectos fundamentais para que a relação mãe-bebê ocorra de forma saudável, dando ênfase aos primeiros meses de vida do bebê, que serão responsáveis por permitir o desenvolvimento da identidade deste ser.

O papel principal da mãe nos primeiros meses de vida de um ser humano, período este considerado de vulnerabilidade e dependência emocional, será a de responsabilizar-se pelo cuidado e desenvolvimento psíquico. Precisa dedicar-se em tempo quase integral ao seu bebê, mostrando-se atenta e receptiva, devendo prover a proteção e os cuidados necessários. Estas atitudes provindas da mãe são possíveis de serem executadas através da “preocupação materna primária”, que confere a mãe a capacidade de ser assertiva em seu cuidado com o bebê. Contudo, esta mãe precisará ser emocionalmente saudável, para que no momento oportuno do desenvolvimento, permita a ele a interação com o mundo externo, pois nos casos em que esta mãe se torna excessivamente protetora por tempo prolongado, teremos uma relação chamada de preocupação patológica, que se refere à dificuldade desta mãe em separar-se de seu filho. Diante disto, para que ela esteja preparada para exercer bem este papel, precisará desenvolver aspectos internos e externos que possam refletir confiança e segurança, pois somente sentindo-se confortável nesta nova situação poderá assim exercer eficazmente suas responsabilidades. (Winnicott, 1993).

Segundo H. Klaus, H. Kennell e H. Klaus (2000) o bebê é diretamente influenciado por todo investimento emocional que recebe de seus progenitores. Portanto, sem que exista uma base segura que possa ser estabelecida durante a infância, os seres humanos podem desenvolver um entendimento de que o mundo que os rodeia é instável, podendo refletir em relações inseguras em seu convívio social. Quando tais progenitores conseguem exercer esta conexão emocional, é muito mais do que apenas tomar conta deste bebê, e sim cuidar e colocar-se no lugar dele,

percebendo e respondendo às suas necessidades, sejam elas físicas ou emocionais.

Para que a evolução do recém-nascido ocorra de forma saudável, o processo de continência da mãe possui grande valia, pois ela precisará despertar em si o amor associado ao desejo de conhecer o seu bebê e todas as suas necessidades. Para isto, ela deverá exercer a prática da observação, para assim conhecê-lo, buscando desenvolver a paciência ao novo e desconhecido, este ser que acaba de nascer. Com isto, a tarefa da mãe é de procurar a melhor forma de atender as necessidades de seu (sua) filho (a). Tal necessidade requer uma disponibilidade ampla do estado mental da mãe, denominado como reverie, que é a capacidade da mãe em auxiliar seu bebê a desenvolver o pensamento, papel fundamental no processo de construção da identidade deste (Bion, 1994).

Sobre a relevância do amparo físico, Winnicott (1982) considera essencial a presença física da mãe, principalmente nos primeiros meses de vida do bebê. Reforça então a necessidade desta proximidade, proporcionando segurança e calor ao seu (sua) filho (a), mantendo-se sempre ao alcance dele. Principalmente nos primeiros meses de vida, o bebê necessitará da presença física e do amor materno, além de todas as necessidades emocionais e psicológicas indispensáveis a esta fase.

Caron (2000) percebe o universo dos bebês como seres sensíveis, inteligentes e dotados de traços de personalidade, que estão vinculados à experiência da relação com a mãe no período pré-natal, momento anterior ao nascimento, onde a mãe através dos seus estados emocionais e sua atenção para com o feto passa desde então a auxiliar na construção da personalidade. Refere-se aqui como personalidade ao conjunto de formas de sentir, comportar-se e reagir de cada indivíduo o qual define sua identidade.

Nos primeiros meses de vida o bebê encontra-se em um estado de dependência física e emocional de sua mãe, e somente próximo do primeiro ano de vida, a criança passa a conquistar pontos de independência, caracterizando-se assim como um indivíduo de personalidade integrada. Esta transformação ocorre de forma gradual, onde a mãe será responsável por introduzir na relação pequenas frustrações, permitindo que a criança possa vivenciar esta nova fase. Para isto, utiliza-se do aspecto principal do desmame, que não pode ser considerado apenas como a substituição de alimentos, mas, sobretudo o processo gradual de desconstrução das ilusões que fizeram

parte desta relação. Para que ocorra o desligamento sadio, é necessário o esforço da mãe em tolerar o choro de sua prole, que poderá sentir-se desamparada em algum momento devido a tal atitude, assim como ela própria, por gerar esse estado de frustração (Winnicott, 1993).

Segundo Bowlby (1981) existe uma necessidade inerente à relação mãe-bebê, onde o bebê precisa sentir-se como objeto de prazer e de orgulho para a sua mãe, da mesma forma que esta mãe precisa enxergar-se como expansão de sua própria personalidade na personalidade de seu (a) filho (a). Há nestarelação uma identificação entre ambos, que altera tanto a personalidade da mãe quanto a do (a) filho (a).

De acordo com Winnicott (1993) o desligamento só é possível quando a criança completa um ano, pois a partir disto passa a ter maior capacidade para lidar com estas frustrações, pois os processos intelectuais neste momento estarão mais desenvolvidos. Assim quando é capaz de perceber-se como um indivíduo separado, passa a aceitar as falhas da mãe, aliviando-a nas tarefas e obrigações relacionadas aos primeiros meses de vida. É a partir deste processo de discriminação do bebê e sua mãe, que ele poderá ser visto como um ser independente, podendo adaptar-se aos momentos de ausência de sua progenitora, para que ela da mesma forma, possa admitir que acriança esteja crescendo e tornando-se um indivíduo, dando espaço a um novo momento da relação.

No que tange aos aspectos do desenvolvimento da identidade, pode-se considerar como um processo que ocorre de forma contínua, sendo possível afirmar que somente na companhia de uma mãe suficientemente boa, a criança poderá se desenvolver com um ego forte e capaz de potencializar as expectativas para desenvolver uma psique integrada. Esta mãe ao dedicar um cuidado ao seu (sua) filho (a), não apenas está proporcionando a ele um prazer, mas suprindo uma necessidade absoluta para o bebê, pois sem este cuidado não conseguirá desenvolver-se como um adulto sadio (Winnicott, 1982).

Caron (2000) reforça a ideia de que um bebê que recebeu a continência necessária e adequada de sua mãe desenvolverá uma boa estrutura em seu psiquismo, estando mais bem preparado para lidar com as fantasias, impulsos e desejos inerentes a natureza humana, que serão apontados para ele durante todas as fases de seu desenvolvimento.

GÊMEOS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Este tópico tem como objetivo abordar a forma como é exercida a singularidade da experiência gemelar, através do olhar intrafamiliar bem como o social. O nascimento duplo ocorre de duas maneiras: gêmeos dizigóticos (dois ovos), também chamados de gêmeos fraternos e os gêmeos monozigóticos (um ovo), também chamados de gêmeos idênticos. Gêmeos monozigóticos possuem a mesma constituição hereditária e são do mesmo sexo, podendo ser considerados como imagens espelhadas um do outro. Os gêmeos dizigóticos, que se criam de diferentes espermatozoides e geralmente de diferentes óvulos, não se assemelham tanto quanto os dizigóticos e podem ser do mesmo sexo ou de sexos opostos. Porém por todas as questões ligadas a experiência pré-natal e pós-natal - eles diferem no temperamento, que se refere à disposição ou modo de encarar e reagir às situações. (Papalia, D., Old S., & Feldman R., 2006).

Desde o nascimento, os gêmeos chamam a atenção de toda a família, que em sua maioria parecem encantar-se com as questões que permeiam a vida dos mais novos membros. Ao receberem a notícia sobre a gestação gemelar, tendem a exercer de forma inconsciente uma atitude frente aos dois como se eles fossem um só, devido as suas semelhanças. A maneira de vestir, o quarto único, a forma de cortar e arrumar o cabelo, a mesma sala de aula, os mesmos brinquedos, e nomes que geralmente são muito parecidos, são alguns exemplos que demonstram a dificuldade em discernir a dualidade dos (as) filhos (as). Assim a semelhança que já existe nos aspectos físicos passa a ser reforçada através da maneira como são cuidados, ou seja, singularmente. (Jabbour & Marques, 2000).

Através de pesquisas Jabbour & Marques (2000) identificaram que a escolha da família por manter a similaridade entre os bebês está intimamente ligada ao medo que possuem de que ambos sintam-se com menos valia que o outro. Entendem que, se não relacionarem os (as) seus (suas) filhos (as) de forma idêntica, poderão influenciar uma competição entre os bebês, na busca pela conquista daquilo que o outro possui, podendo entender como uma desvantagem, por ser mais ou menos que o outro, pela qualidade ou valor do produto recebido.

Pode-se entender que o nome próprio é também uma forma de identificação, para que o sujeito possa ser distinguido em meio a um conjunto. Em

situações de gemelaridade, os progenitores frequentemente escolhem nomes parecidos para seus bebês, o que se pode compreender como mais uma forma de perda da própria identidade, pois através desta escolha, passam a enxergar seus (suas) filhos (as) como possuidores de uma identidade única. Inconscientemente consideram adequados os nomes serem parecidos, já que nasceram juntos, além de estarem vivendo e compartilhando experiências quotidianas semelhantes. (Jabbour & Marques, 2000).

Plank (1964) estudou a relação dos nomes de gêmeos, onde através de pesquisas descobriu que estes podem ser considerados em três diferentes formas. Em 62% dos casos foram observados os nomes que iniciam sempre com a mesma letra, como Ricardo e Roberto, Josefa e Judite, Louisa e Louise. A segunda forma mais constatada, em torno de 17% dos casos, é aquela em que as letras iniciais diferem, porém, a forma de pronúncia e o som são muito próximos, tal como Stacy e Tracy. Ao final concluiu-se que apenas 21% dos casos de nomes de gêmeos podem ser considerados diferentes, sem nenhuma semelhança.

A pesquisa realizada por Jabbour & Marques (2000), corrobora com os resultados anteriores, onde através de um questionário aplicado em um grupo de quarenta gêmeos idênticos com idade acima de quinze anos, foi possível identificar que em sua maioria, o uso da primeira letra fora dado aos dois, assim como o som ou rima foram semelhantes. Ainda nesta pesquisa foram observados alguns nomes que reforçam a ideia de simbiose, tais como Kate e Duplicate, Bing e Bang, Inter e Gratton, todos relacionando os dois a um só.

Marquez (2008) considera que nas situações de gêmeos univitelinos, existe a ilusão de tornar-se centro do mundo através do reconhecimento social. Isto porque, existe um desejo de vê-los nestas características idênticas, parecendo algo mágico. Este prazer é experimentado por todos envolvidos nesta relação, o que pode provocar uma parada no desenvolvimento natural em busca da alteridade. Reforça ainda, os casos em que a palavra “gêmeo” se torna uma espécie de nome próprio, onde ao direcionar-se a eles, perde-se a noção do real nome de cada um, causando o desaparecimento do indivíduo na dupla.

Ao serem confundidos em sua nomeação, os gêmeos podem sentir-se incomodados, pois revela através disto uma distorção da sua imagem, sempre confundida com a de seu irmão, até mesmo por aquilo que deveria ser o diferenciador, o

nome. Desta forma, quanto mais os pais mantiverem a igualdade, maior será o risco de que estes irmãos cresçam com a ideia de que são um só, elucidando assim uma espécie de dependência entre eles. (Jabbour & Marques, 2000).

Dolto (1999) reforça a extrema importância de que os progenitores possam vesti-los de maneira diferente, dar-lhes brinquedos diferentes e colocá-los em classes diferentes. Em caso de gêmeos que estejam juntos em praticamente todos os momentos, caso isso não os atrapalhe e se ambos desejarem estar um com o outro, é possível deixá-los juntos. Porém deverá sempre haver um grande esforço para que os gêmeos possam ser individualizados desde pequenos. Do contrário, poderão sentir-se colados, um dominado e o outro sendo dominado, o que é negativo para ambos. Somente através desta distinção tão necessária, será possível permitir aos gêmeos que desenvolvam personalidades diferentes e saudáveis.

ASPECTOS DA RELAÇÃO MÃE-BEBÊ NA BUSCA PELA INDIVIDUAÇÃO EM SITUAÇÃO DE GEMELARIDADE

Neste tópico serão abordadas questões referentes ao papel fundamental da mãe, que será responsável por permitir aos gêmeos a sua diferenciação quanto sujeitos, dotados de particularidades, apesar de suas semelhanças. Alguns casos de gemelaridade foram apresentados pela psicanalista italiana Piontelli, especializada na técnica de observação de bebês em relação que ocorre aos fetos durante a vida intrauterina. Através dos resultados obtidos, por meio de observações utilizando-se principalmente a ultrassonografia, foi possível identificar a reprodução de diversas interações vivenciadas ao longo da vida intrauterina e reproduzidas pelos irmãos após o nascimento. Nos casos em que ocorreu a morte de um dos fetos, foi possível identificar que o bebê ao nascer e ao longo dos primeiros meses de vida demonstrava sintomas como, ausência de sono, grande agitação e ansiedade, percebidas tanto nas atividades lúdicas, quanto na relação que exercia com sua mãe. Após análise dos casos, foi possível entender que, a relação de intimidade entre os gêmeos, inicia-se em grande intensidade quando ainda estão no espaço intrauterino. Com isto, a ausência de um deles ocasionada pela morte acarreta em uma problemática para o bebê, que dificilmente conseguirá elaborar o luto sozinho, já que segue vi-

venciando a dor e os temores relativos à vivência intrauterina. (Caron, 2000).

Segundo Mahler (1982), existem quatro sub-fases características do processo de separação. A primeira refere-se à diferenciação, que inicia aos cinco ou seis meses, onde o bebê diminui a sua dependência corporal da mãe, dando espaço então para levantar-se, além do campo visual que se estende. A segunda é constituída pelo período de exploração, que ocorre após os dez meses, onde o bebê aumenta o seu desempenho motor e a exploração do ambiente. Passa também a aceitar outros adultos como substituto da mãe, quando esta por algum momento se ausenta. A terceira subfase é a de reaproximação, que inicia aos quatorze meses, onde ocorre a maior evidência desta separação física mãe-bebê, podendo vivenciar através do ato de caminhar sozinho, o prazer do domínio, mas também sentirá a ansiedade de separação, com isto, apesar da independência conquistada, ele se reaproximará de sua mãe. E por fim a última, que ocorre próximo aos vinte meses, e caracteriza-se por complexas funções cognitivas: comunicação verbal, fantasia e critério da realidade. Onde a presença real e constante da mãe não será mais tão imperativa.

Nas relações mãe-bebê gemelares, há um desafio ainda maior no que se refere ao processo de individuação, pois esta mãe precisará dar conta de dois bebês ao mesmo tempo. Eles possuem especificidades e exigências próprias, portanto, esta mãe necessitará aprimorar a comunicação existente entre eles, a fim de identificar as suas necessidades. Desta forma, estando atenta ela deixará seu bebê seguro, o que acarretará em um movimento de emoções e prazer intenso entre os dois irmãos. A tarefa principal, não é relacionar-se com cada filho (a) de maneira idêntica, mas sim conhecer os aspectos individuais de cada um (a), e prestar o suporte de maneira única. Inicialmente a forma de distingui-los, poderá ser através de uma pequena marca que os diferencie, porém em seguida acabará notando que o temperamento dos dois é diferente e precisará lidar com essa situação de forma única (Winnicott, 1982).

Quando se refere ao processo de individuação em situação de gemelaridade, pode haver uma espécie de confusão, pois os gêmeos poderão perceber-se distintos da mãe, mas semelhante ao irmão, o que poderá acarretar em uma confusão de identidade. Com isto, percebe-se que o desejo de autonomia e individualidade dos gêmeos é inten-

so, pois vivenciam muitas situações em que precisam provar que são duas pessoas distintas. Nesta busca, aquele que procura pela sua liberdade se mostrando mais independente, poderá apegar-se a um objeto transicional, na procura por conquistar o seu espaço e desligar-se de sua mãe. Contudo o outro poderá tornar-se mais dependente da mãe, demorando um pouco mais para lançar-se ao mundo, podendo também valer do irmão mais independente como se este fosse seu objeto transicional (Jabbour & Marques, 2000).

Ainda nesta perspectiva, Marquez (2006), revela que em alguns momentos os gêmeos poderão utilizar um do outro como forma de substituição à mãe. Portanto, em sua ausência, ela poderá ser substituída pelo irmão gêmeo momentaneamente, pois o outro estará lá, em uma dinâmica constante de interação. Por outro lado, apesar desta intensa ligação em alguns momentos a rivalidade pode florescer. Tal afeto pode ser percebido nos momentos em que a mãe ocupando-se com um, gera no outro a espera pela progenitora, esta falta de disponibilidade integral, a qual as atenções são divididas resulta em sentimentos de amor e ódio na dupla gemelar.

O gêmeo que se encontra no seio de sua mãe, exerce a função de excluir o irmão dele próprio e da mãe. Fato este que pode levar a sentimentos de triunfo para ele, porém pode despertar sentimentos como raiva e rejeição, naquele que se sentirá excluído. Isto faz com que a relação desta tríade seja em alguns momentos confusa e desconfortável. No que tange aos aspectos da identidade, Lewin reforça as complicações que os gêmeos enfrentam através da identificação e separação com a mãe. Cabe ressaltar que, quando os gêmeos encontram-se separados, há uma sensação de incompletude, uma constante busca entre eles. Desta forma, entende-se que no momento onde haveria a separação da mãe, onde seria possível construir a sua individualidade, os gêmeos precisarão ainda aprender a lidar com a ausência do irmão (Tavares, 2007).

Através de uma pesquisa observacional e qualitativa realizada com gêmeos dizigóticos e suas mães, foi possível identificar algumas questões importantes sobre a relação mãe-bebê gemelar. Observou-se que a notícia sobre a gravidez gemelar, provocou nestas mães sintomas de ansiedade e medo, por tamanha complexidade e desafio que enfrentariam. Porém, ao longo dos primeiros meses dos bebês, à medida que os resultados do

investimento materno apareciam, a mãe demonstrava estar recompensada e satisfeita com sua nova estrutura familiar. Destacou-se nesta pesquisa o quanto a qualidade do investimento psíquico dos cuidadores adultos exerce papel central no desenvolvimento durante o primeiro ano de vida dos bebês. Além disso, observou-se que nos casos em que os gêmeos buscavam mais ativamente o seu irmão, existia uma associação inversamente proporcional ao investimento ineficaz da mãe, gerando a possibilidade compensatória entre os irmãos a essa característica. (Lucion & Escosteguy, 2011).

DISCUSSÃO

Através dos achados obtidos no estudo, foi possível ampliar o entendimento sobre a importância do investimento psíquico proporcionado na relação materna, que se revela como o fator principal que influenciará de maneira significativa no desenvolvimento da identidade dos bebês. Evidenciou-se que, este cuidado materno não se restringe ao nascimento, ele existe desde o período gestacional, quando ainda nos referimos ao feto, momento este em que ocorrem as primeiras interações mãe-bebê. Desta forma entende-se que, neste período o papel principal desta mãe será o de preparar-se para vivenciar as diversas transformações que acompanham esta nova fase, possibilitando a este feto sentir-se seguro, podendo assim desenvolver-se até o nascimento.

Por meio deste cuidado, criam-se então os primeiros passos para a construção do vínculo afetivo entre mãe-bebê. Após o nascimento, o bebê encontra-se em um estágio considerado de grande vulnerabilidade e complexidade, e neste ponto a mãe terá um papel de suma importância no processo de prontidão e continência. Diante desta demanda, o desafio da relação materna em situações de gemelaridade, revela-se na assertividade desta mãe em prestar os cuidados necessários aos dois bebês, sem que um destes sintam-se prejudicado ou abandonado enquanto o outro está sendo atendido. Isto faz com que esta relação tenha as suas especificidades, pois a progenitora precisará dispor de uma organização ainda maior quanto aos cuidados que exercerá, além da responsabilidade que terá em proporcionar o espaço de cada um em suas individualidades.

Ao longo dos estudos, percebemos a relação fraterna como um fator de atenção, pois apesar da

existência de uma relação muito próxima, também permeia afetos de luta e rivalidade entre eles, na busca de espaço perante o olhar materno. Somado a esse aspecto, as questões ligadas à diferenciação entre os bebês que em sua maioria não são respeitadas pelos pais e cuidadores como os exemplos citados, nome próprio, maneira de se vestir, arrumar-se além das atividades que exercem. Esta possível confusão vivenciada entre os gêmeos pode reforçar uma imagem única, dificultando ainda mais a diferenciação quanto à identidade de cada um. Todas estas distorções da sua própria imagem, não passam despercebidas pelos gêmeos, acabam por causar-lhes desconforto e muitas vezes o desaparecimento do indivíduo na dupla.

Outra evidência importante deste estudo está ligada ao processo de separação e individuação na relação gemelar, onde a progenitora precisará aos poucos submeter esta relação a pequenas frustrações, sendo uma delas a ausência física temporária. Porém neste momento precisará estar atenta ao movimento que se dará na relação fraterna, pois apesar do êxito atingido no processo de separação da mãe, existe a possibilidade de vincular-se de forma extrema ao irmão, devido ao grau de semelhança e proximidade existente, o que poderá influenciar negativamente no processo de construção da identidade destes indivíduos.

Por fim, é importante ressaltar que, por mais que esta mãe seja suficientemente boa é impossível atender a dois bebês com a mesma qualidade para ambos. Por outro lado, sua dedicação na busca por diferenciá-los, é o que permitirá o desenvolvimento de uma personalidade saudável, em busca de um *self* único. Podemos então pensar na relação gemelar dentro de toda complexidade a qual foi citada, como uma grande responsabilidade desta mãe em possibilitar aos seus (as) filhos (as) o desenvolvimento dentro de uma perspectiva singular.

CONCLUSÃO

O presente estudo, o qual foi realizado por meio de uma revisão da literatura psicanalítica, apesar das limitações encontradas, possibilitou a análise quanto à importância do cuidado materno, quando nos referimos aos filhos (as) gêmeos. Os estudos revelaram quão árdua é a tarefa de individuação em situações gemelares, pois existe nesta relação três grandes desafios: diferenciar-se

quanto sujeito em suas especificidades, separar-se de sua mãe com todas as frustrações que terá ao longo das esperas a qual será submetido, e então a própria separação do irmão, que encontra-se muito próximo e semelhante a si.

REFERÊNCIAS

- American Psychological Association. (2012). Manual de publicação da American Psychological Association (6a ed., D. Bueno, trad.). Porto Alegre, RS: Penso. (Tradução da 6a ed.: Publication manual of the American Psychological Association, 2010)
- Bion, W., (1994). *Estudos psicanalíticos revisados – Second thought*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.
- Bowlby, J. (1981). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes.
- Caron, N. A. (2000). *A relação pais-bebê: da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Papalia, D., Old S., & Feldman R. (2006). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed.
- Dolto, F. (1999). *Quando surge a criança*. São Paulo: Papirus.
- Freud, S. (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In: Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 14, p. 83-119) Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- Jabbour, C., & Marque, L. (2000). “*Gêmeos: Onde está a semelhança?*”. Rio de Janeiro: Papel Virtual Editora.
- Klaus, M., Kennell, J., & Klaus, P. (2000). *Vínculo*. Porto Alegre: Artmed.
- Lebovici, S. (1987). *O bebê, a mãe e o psicanalista*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lucion, Marta Knijnik, & Escosteguy, Norma. (2011). Relação mãe-cuidadores de gemelares no primeiro ano após o nascimento. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 21(2), 307-318.
- Tavares, E.B.P. (2007) *Situações Triangulares em Gêmeos durante o primeiro ano de vida: Conjecturas sobre o complexo de Édipo*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Mahler, M. (1982). *O processo de separação-individualização*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Marquez, Ilcéa Sônia Maria de Andrade Borba. (2006, março). Gêmeos: semelhança revelada. *Pulsional revista de Psicanálise*, p. 26-34.
- Marquez, Ilcéa Sônia Maria de Andrade Borba. (2008). *Gêmeos, Subjetividade e Narcisismo: Especificidades Interferentes*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Marshall, John H., Kennell, Phyllis H., Klaus, Plank Robert. (1964). *Names of Twins. Names 12*.
- Winnicott, D. W. (1982). *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Winnicott, D. W. (1993). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes.

Maternal Relationship in Building the Identity of Twins

ABSTRACT

Although little discussed, the theme “maternal relationship in twin situation” is extremely important, so that, although born and grow together, the twins have specific needs that influence the construction of their identities. In this way, this article sought through a literature review, explain and discuss the topic based on theoretical references published in books, magazines and periodicals. For both, devised to conduct a literature review for convenience in BVS scientific database with the following descriptors (twins AND maternal care AND bond AND psychoanalysis). The results highlighted that, maternal care in twins situations has a certain complexity, once, this mother will have to care her two babies individually, intending to assist the construction of the identity of these. Besides, it is emphasized that during the process of individuation the babies need to deal with anxieties that permeate their lives, that is, they have the challenge to develop their identity separated not only from her mother, but also from his own brother.

Keywords: maternal care, twins, identity

Recebido em: 25/06/2015

Avaliado em: 10/11/2015

Correções em: 10/12/2015

Aprovado em: 18/12/2015

Editor: Vinícius Renato Thomé Ferreira